

# EVENTOS DE CORTAR E QUEBRAR, *FRAMES* E CONSTRUÇÕES GRAMATICAIS: UMA AMOSTRA A PARTIR DE CÓRPUS

André Vinícius Lopes Coneglian

## 1. Introdução<sup>3</sup>

Uma das principais questões que diz respeito à relação entre linguagem e pensamento é a natureza das significações linguísticas, se elas se constroem objetivamente a partir de uma relação direta do ser humano com a realidade, ou se elas se constroem cognitivamente a partir da experiência humana no mundo. É esta segunda direção que este capítulo assume na investigação do significado de verbos como *cortar*, *rasgar*, *quebrar*, *dilacerar*, entre outros, abrigados nas categorias de verbos CORTAR e QUEBRAR.

Neste trabalho, examina-se a expressão lexical e gramatical de eventos de SEPARAÇÃO DE INTEGRIDADE MATERIAL no português brasileiro a partir de ocorrências retiradas de córpus (*Corpus Brasileiro*, disponível na plataforma *Sketch Engine*) – aproximadamente 200 ocorrências foram analisadas para cada verbo: *quebrar* e *rachar*; *cortar* e *fatiar*; *rasgar* e *dilacerar*. O exame é conduzido a partir de uma análise dos *frames* semânticos que são ativados por esses verbos e as construções gramaticais por meio das quais esses eventos são instanciados. Ora, um exame dessa natureza pode revelar aspectos relevantes da conceptualização desses eventos de SEPARAÇÃO.

---

3 Agradeço ao Juliano Desiderato Antonio pela leitura atenta e pelos comentários que, certamente, melhoraram este texto.

4 Notação gráfica. Os termos em versalete indicam *frames* semânticos.

5 Disponível *on-line* em: <https://the.sketchengine.co.uk/auth/corpora/>.

A proposta geral que se desenvolve ao longo deste capítulo é esta: no processo de verbalização da experiência (ou seja, de comunicação de intenções, vivências e experiências), os falantes estão a todo momento negociando cognitivamente a construção dessa experiência, que é fluida e “caleidoscópica” (WHORF, 1956). Por isso mesmo recorre-se à material autêntico de uso da linguagem, no qual podem-se verificar construções convencionalizadas e construções inovadoras na expressão de eventos de SEPARAÇÃO.

O desenvolvimento desta proposta reflete a organização deste capítulo. Na seção 2, assentam-se as noções gerais sobre a relação entre experiência, significação e linguagem, com foco na noção de *frame* semântico e no modo pelo qual eventos do mundo são categorizados a partir de *frames*. Na seção 3, lançando-se como pano de fundo o Projeto *Cut & Break* (MAJID *et al.*, 2007), sistematizam-se os *frames* que fazem parte do cenário de SEPARAÇÃO DE INTEGRIDADE MATERIAL. Nas seções 4 e 5, apresenta-se a análise de ocorrências de verbos CORTAR e QUEBRAR no português, examinando-se a interface sintaxe-semântica das construções gramaticais (seção 4) e as construções inovadoras na expressão linguística de eventos de SEPARAÇÃO (seção 5).

## **2. A categorização de eventos a partir de *frames***

O mecanismo de categorização é uma operação básica do espírito humano. Os seres humanos só são capazes de transitar no mundo, arrazoar sobre causas e efeitos, elaborar hipóteses e asseverar a ineficiência de causas porque, a partir da experiência no mundo, são formados modelos cognitivos idealizados (LAKOFF, 1987), com base nos quais categorias linguísticas e não linguísticas são formadas na mente humana. Tais modelos cognitivos constituem-se a partir de *frames*, que dizem respeito a uma porção coerente do conhecimento humano (FILLMORE, 1976). Entende-se, aqui, *frame* no seu sentido

fillmoriano, segundo o qual *frames* “são representações esquemáticas de estruturas conceituais e de padrões de crenças, de práticas, de instituições, de imagens, etc. que provêm a base para a interação significativa em uma dada comunidade de fala” (FILLMORE *et al.*, 2003, p. 235).

Uma categoria existe se (e somente se) dois ou mais objetos ou eventos distintos são tratados como equivalentes, ou semelhantes (MERVIS; ROSCH, 1981). Desse modo, entidades como *cama*, *poltrona* e *armário*, apesar de serem perceptivamente bastante diferentes, podem ser agrupados na categoria *mobília*. O interesse pelo estudo da formação e do desenvolvimento de categorias linguísticas e não linguísticas tem estado no centro das ciências cognitivas modernas (vejam-se, por exemplo, Mervis e Rosch, 1981, Lakoff, 1987, entre tantos outros). De um ponto de vista linguístico, o exame do modo pelo qual categorias conceituais se estabelecem é relevante tanto na medida em que elas podem vir reveladas nos elementos linguísticos quanto na medida em que a estrutura linguística, como resultado de uma convenção de um grupo social, pode moldar e restringir a expressão dessas categorias não linguísticas (LEVINSON, 2003).

Esse fato suscita uma importante distinção para a investigação da relação entre linguagem e pensamento. Se as categorias podem ser linguísticas ou não linguísticas e se as categorias, de um modo geral, são formadas a partir de *frames*, deve-se distinguir *frames* cognitivos de *frames* linguísticos (FILLMORE; BAKER, 2010).

Explicam Fillmore e Baker (2010) que *frames* cognitivos desempenham um papel fundamental no modo pelo qual os seres humanos percebem, lembram e interagem com o mundo. Esses *frames* estruturam eventos, acionam participantes e ordenam temporalmente o curso da experiência (por exemplo, temporalmente a causa precede o efeito); eles também representam cognitivamente as propriedades da matéria física, a disposição espacial dos objetos e

os aspectos visuais das entidades no mundo. Os *frames* linguísticos, por outro lado, surgem da relação entre os elementos linguísticos e seus significados. Nessa medida, esclarecem Fillmore e Baker (2010), uma análise semântica é aquela em que são explicitados os diferentes modos pelos quais propriedades semânticas ancoram-se em propriedades da forma linguística. Note-se que, nessa visão, fala-se de forma linguística e, não, de palavra ou de lexema, uma vez que esse tipo de análise pode ser conduzido para qualquer nível de organização formal da linguagem, na forma de uma **construção** (GOLDBERG, 2006), como se discute mais adiante.

Inúmeros estudos têm se dedicado à sistematização de *frames* semânticos que constituem as categorias de eventos. Bouveret (no prelo), em seu estudo sobre eventos de TRANSFERÊNCIA em dez línguas de diferentes famílias, identifica *frames* como FONTE, DIREÇÃO, CAUSAÇÃO, TEMA DE TRANSFERÊNCIA e BENEFICIÁRIO como principais elementos configuradores de eventos de TRANSFERÊNCIA, geralmente lexicalizados pelo verbo *dar* e seus correspondentes nas línguas. Levinson (2012), com base em uma amostra de mais de 60 línguas de diferentes famílias, aponta que eventos de COLOCAÇÃO e de REMOÇÃO, geralmente lexicalizados por verbos como *put* e *take*, em inglês, e seus correspondentes nas línguas, configuram-se a partir de distinções no campo dêitico, de planejamento da ação e de complexidades causais. Esses fatores, que correspondem a diferenças no sistema cultural em que cada língua se insere, acarretam importantes diferenças no modo pelo qual cada língua expressa eventos de COLOCAÇÃO e de REMOÇÃO.

No caso de eventos como *cortar*, *quebrar* e *rasgar*, ainda que configurem cenas diferentes, podem ser agrupados na categoria eventos de SEPARAÇÃO, mais especificamente, SEPARAÇÃO DE INTEGRIDADE MATERIAL, nos termos de Hale e Kayser (1987) – é justamente nesse domínio que este trabalho foca. Em se tratando de categorização de eventos, a questão chave é justamente verificar o que permite que

diferentes ações e processos possam ser considerados eventos de mesma natureza (MAJID *et al.*, 2008). Por exemplo, um evento em que alguém pica uma cenoura com uma faca é o mesmo tipo de evento em que uma pessoa corta um papel com uma tesoura? Ou um evento em que alguém estilhaça um prato de porcelana com um martelo é o mesmo tipo de evento em que um vaso racha? Pode parecer que não, uma vez que diferentes itens lexicais são usados para construir cada um desses eventos (*cortar, rasgar, estilhaçar, rachar*). No entanto, todos esses eventos se superordenam dentro do *frame* de SEPARAÇÃO DE INTEGRIDADE MATERIAL. Uma investigação como a que se conduz aqui pode revelar as propriedades semânticas que tanto aproximam quanto diferenciam esses verbos dentro desse espaço conceptual.

Para que o processo de verbalização da experiência seja possível, é necessário, antes de tudo, que os falantes discirnam os eventos e as entidades no mundo, transformando-os em estruturas semânticas (*frames* semânticos, nos termos de Fillmore, 1976, 1985). Isso se deve ao fato de que o pensamento, do modo como é organizado, é mais complexo e mais rico do que pode ser de fato instanciado linguisticamente (CHAFE, 2005). O processo de transformação de estrutura conceptual (pensamento) em estrutura linguística prevê, necessariamente, a transformação da experiência em estrutura semântica, que se organiza a partir de *frames* cognitivos (FILLMORE, 1976). Essas estruturas semânticas são convertidas em estruturas gramaticais, e é dessa projeção de estrutura semântica em estrutura gramatical que nascem as construções gramaticais (CHAFE, 2005; CROFT, 2007). Um processo fundamental na configuração das estruturas gramaticais e semânticas é o processo de categorização (BROWN, 1990; LAKOFF, 1987), pois é por meio dele que os seres humanos tentam impor estrutura para o “fluxo caleidoscópico” da realidade (WHORF, 1956).

Nessa direção, uma investigação a respeito do modo pelo qual eventos de separação de integridade material são linguisticamente instanciados deve partir de um exame dos fatores que configuram a experiência de separação de objetos. O equacionamento deve ser feito de tal forma que fiquem contrafaceados os fatores experiências que são linguisticamente relevantes para a expressão de eventos de separação de integridade material.

Metodologicamente, dois caminhos de investigação são possíveis, um deles é o elicitación desses fatores a partir de experimentos com falantes, o outro é, por indução, o lavamento desses fatores a partir do exame de cópulas. Neste estudo, segue-se a segunda direção metodológica. No entanto, os estudos seminais sobre a categorização de eventos de separação, que fazem parte do Projeto *Cut & Break* (BOHNEMEYER *et al.*, 2001; MAJID *et al.*, 2004), seguem a primeira direção. Ao final deste capítulo, faz-se um cotejo dos resultados alcançados a partir de cada uma dessas direções, avaliando-as quanto às possibilidades e limitações.

A seguir, provê-se uma visão geral do Projeto *Cut & Break*, apresentando-se seus principais resultados e reinterpretando-os com subcategorias do amplo *frame* semântico de SEPARAÇÃO DE INTEGRIDADE MATERIAL.

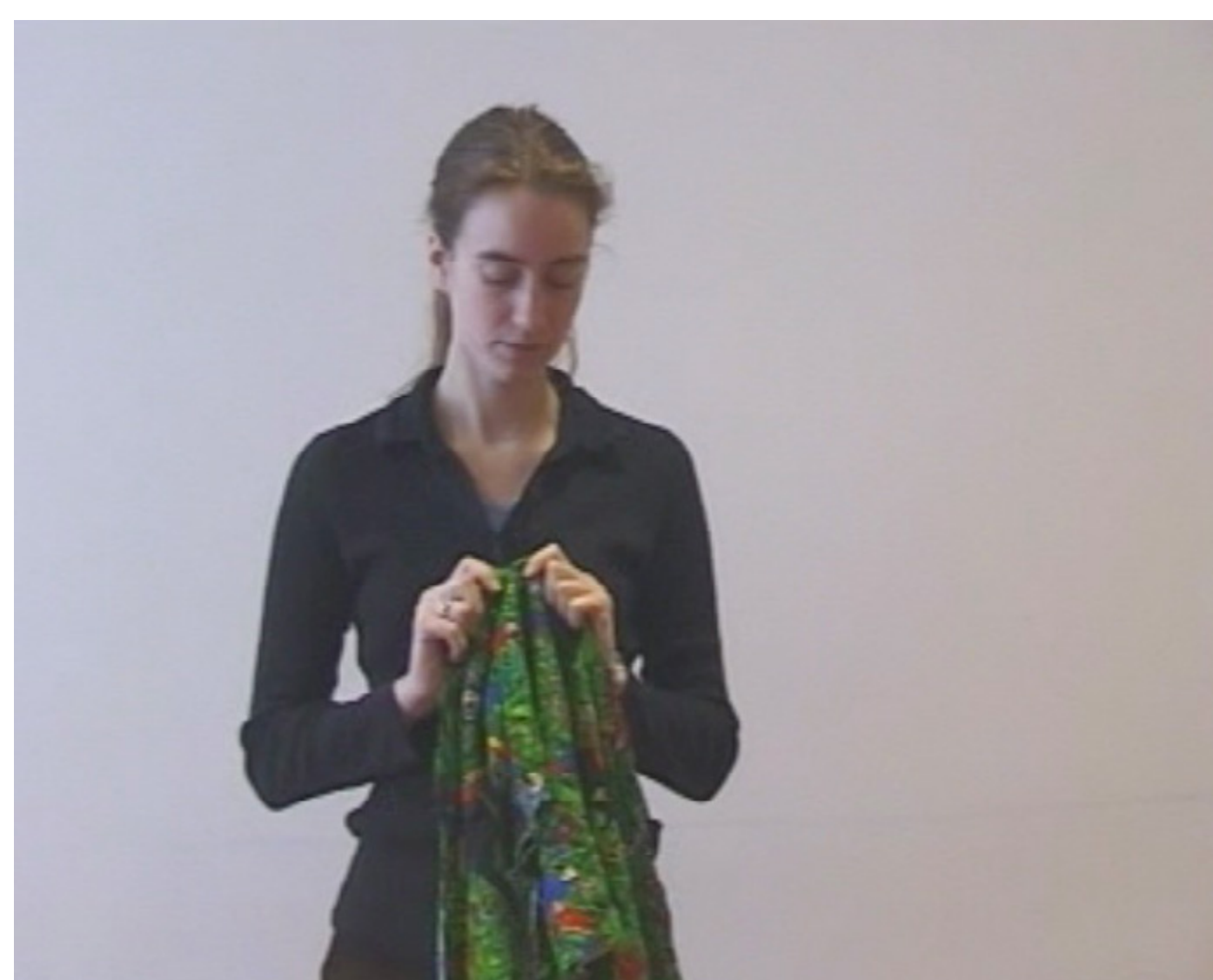
### **3. Eventos de separação nas línguas do mundo: o Projeto Cut & Break**

O Projeto *Cut & Break*, proposto e conduzido, inicialmente, no *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, com Asifa Majid e Melissa Bowerman na direção, pôs-se a investigar os universais semânticos ligados a eventos de SEPARAÇÃO. O estudo pioneiro foi conduzido em 28 línguas diferentes<sup>6</sup> e consistiu na exposição de 61 cliques curtos a

<sup>6</sup> As línguas analisadas pertencem a 13 famílias linguísticas diferentes, são de 23 países diferentes e de diferentes tipologias lexicais (MAJID *et al.*, 2008).

informantes dessas línguas, que deveriam narrar o que aconteceu em cada clipe<sup>7</sup> (vejam-se, especialmente, Majid *et al.*, 2007 e 2008).

Os cliques mostram cenas relativamente canônicas de eventos de SEPARAÇÃO, como se vê na Figura 1, abaixo, tais como, cortar tecido com tesoura, arrebentar um galho com as mãos, cortar cenouras na horizontal em pedaços grandes com uma faca, cortar uma cenoura na vertical com uma faca. Da amostragem dos dados coletados, um conjunto de quatro parâmetros surgiu como mais frequentemente relevante para as distinções linguísticas dos eventos de separação.



**Figura 1.** Captura do vídeo #1 do Projeto Cut&Break

**Fonte:** Bohnemeyer *et al.* (2001)

Os resultados preliminares desse estudo pioneiro apontam quatro parâmetros significativos que caracterizam eventos de SEPARAÇÃO DE INTEGRIDADE MATERIAL (MAJID *et al.*, 2008). O primeiro parâmetro diz respeito à distinção entre eventos de ABRIR, de um lado, e eventos de CORTAR, QUEBRAR e RASGAR, do outro. Essa distinção relevante decorre da natureza das entidades envolvidas nos eventos. Eventos de ABRIR, de um modo geral, implicam entidades (ou objetos) complexos que funcionalmente têm partes separáveis, sem que percam sua integridade funcional, ou seja, esses objetivos têm o propósito (a

---

<sup>7</sup> Esse mesmo estudo foi conduzido para o português brasileiro (veja-se Coneglian, no prelo).

funcionalidade) de 'sofrer' algum tipo de separação. Daí têm-se exemplos como *abrir uma porta, abrir a tampa de uma panela*. Eventos de CORTAR, QUEBRAR e RASGAR resultam na mudança da integridade das entidades e de objetos que "sofrem" esses eventos, e, o mais importante, essas entidades são agrupadas numa mesma categoria justamente por não terem como componente de sua funcionalidade a separação.

Os outros três parâmetros constituem elaborações pertinentes ao domínio dos eventos de CORTAR, QUEBRAR e RASGAR propriamente. Do segundo parâmetro resulta a distinção entre o domínio do CORTAR/QUEBRAR do domínio do RASGAR. A distinção se dá justamente no modo como a separação é conduzida: eventos de separação "limpa" são categorizados no domínio do CORTAR/QUEBRAR, ao passo que eventos de separação "bagunçada" são categorizados no domínio do RASGAR. Esse parâmetro é translinguisticamente relevante: das 28 línguas analisadas, 19 delas possuem verbos específicos para eventos do tipo de RASGAR.

O terceiro parâmetro diz respeito à especificação das entidades que sofrem os eventos de cortar/quebrar e rasgar; a distinção relevante se dá entre objetos flexíveis, como tecido ou papel, e rígidos, como madeira ou cenoura. O quarto parâmetro diz respeito à natureza da causa da perda de integridade material; a distinção relevante, nesse caso, se dá entre eventos de IMPACTO e eventos de TORÇÃO. A maioria das línguas investigadas no Projeto apresentam verbos específicos para cenários do tipo em que a cenoura é cortada com um golpe e para cenários do tipo em que uma pessoa parte uma cenoura com as duas mãos.

Esses quatro parâmetros, mais significativos na distinção entre eventos de CORTAR/QUEBRAR, podem ser analisados como variações e especificações do *frame* de SEPARAÇÃO. Fuji *et al.* (2013) explicam que o cruzamento desses parâmetros na expressão lexicogramatical

dos eventos de SEPARAÇÃO dá origem aos *frames* que organizam a experiência de SEPARAÇÃO DE INTEGRIDADE MATERIAL. Nessa direção, as autoras sugerem reinterpretar esses quatro parâmetros como elaborações do *frame* SEPARAÇÃO, o que permite que outros aspectos e dimensões desse *frame* sejam incorporados à análise, tais como, as interações de dinâmica de força, o tipo de instrumento por meio do qual se realiza a separação, os sons associados a cada um desses eventos, etc. (Coneglian, em prep.). Nessa medida, o que ocorre é que os verbos que lexicalizam eventos de SEPARAÇÃO selecionam aspectos específicos dos *frames* que são ativados (cf. CROFT *et al.* 2001; CROFT, 2009).

É um exame desses *frames* que se faz a seguir, bem como um exame das construções gramaticais que instanciam.

#### **4. A interface sintaxe-semântica na expressão de eventos de CORTAR e QUEBRAR no português brasileiro**

Os verbos das famílias CORTAR e QUEBRAR são verbos que, na classificação de Chafe (1970), constituem verbos do tipo ação-processo, isto é, são verbos que tanto lexicalizam algo que se faz (a ação) quanto algo que acontece (o processo)<sup>8</sup>. O fato interessante de verbos ação-processo é que, dependendo da construção que os instancia, tanto pode ser perfilado somente o processo (01), quanto a ação-processo propriamente (02).

(1) O vaso quebrou.

(2) O menino quebrou o vaso.

---

<sup>8</sup> Na terminologia de Levin e Rappaport-Hovav (2005), esses verbos são verbos de mudança de estado, que evocam um esquema em que um agente causa a mudança de estado de um tema. Veja-se, na mesma direção de Levin e Rappaport-Hovav (2005), o estudo de Cançado, Godoy e Amaral (2013) para o português brasileiro.

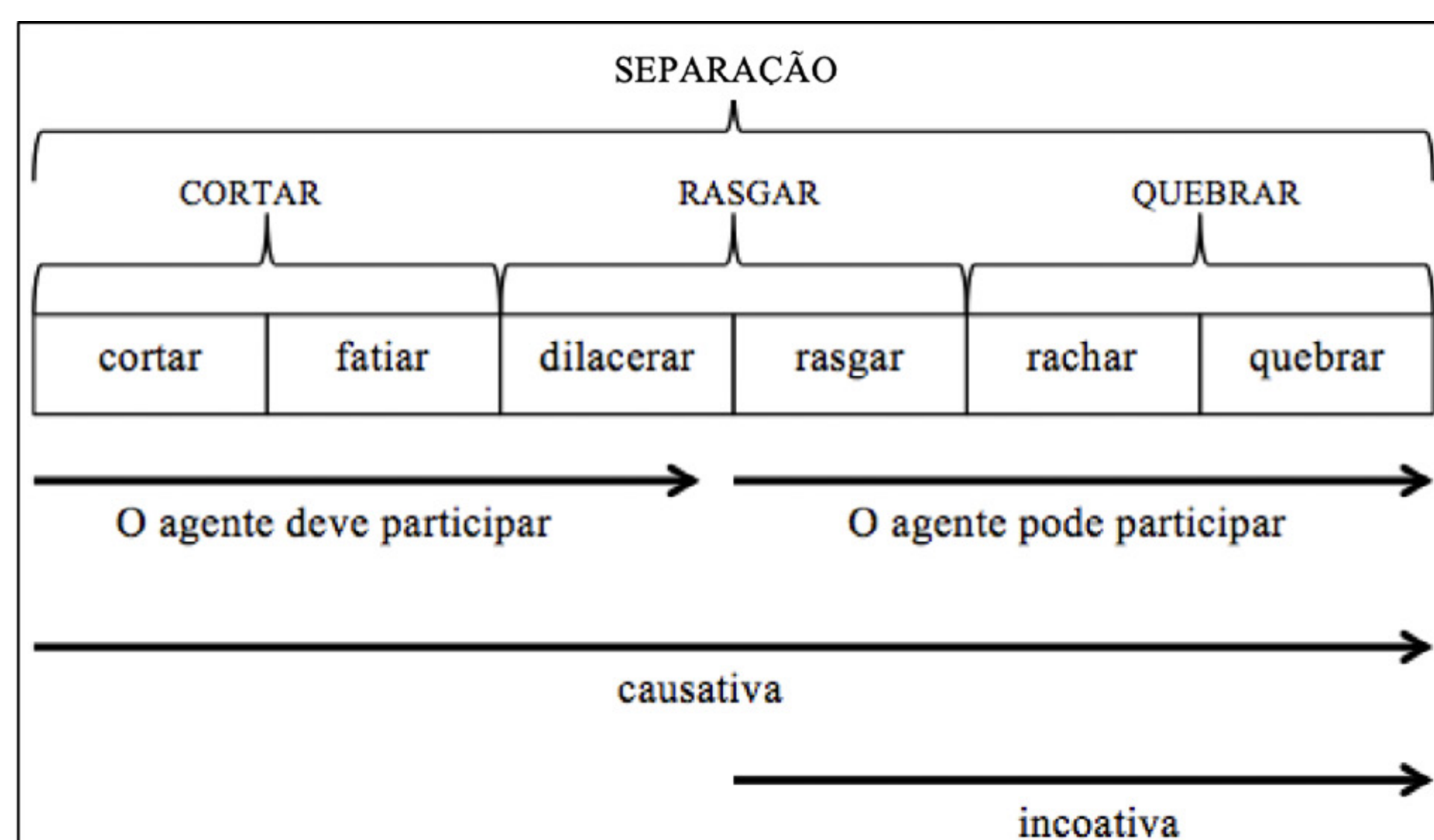
Os verbos da família QUEBRAR permitem essa alternância (causativa) mas verbos da família CORTAR, não. A explicação para esse fato pode ser facilmente dada a partir da verificação dos *frames* que são ativados por esses verbos, como se discute neste trabalho.

Os verbos da família CORTAR envolvem um tipo de ação que causa a separação, ou um sub-evento causativo, e geralmente incluem a aplicação de força (DELANCEY, 1995). Ao passo que os verbos da família QUEBRAR dizem respeito a mudança de estado de um tema, e podem ocorrer em construções intransitivas que descrevem o resultado da separação. Nesse sentido, os verbos da família CORTAR tendem a perfilar o modo da ação por parte do agente ou do instrumento utilizado, ao passo que verbos da família QUEBRAR tendem a perfilar principalmente a mudança de estado de um tema (BOUVERET; SWEETSER, 2011).

A análise preliminar dos verbos *cortar*, *fatiar*, *dilacerar*, *rasgar*, *quebrar* e *rachar* revela que o parâmetro de agentividade e volição (não explicitamente considerado no estudo do MPI) desempenham papel fundamental tanto na configuração do significado desses verbos quanto na sua realização construcional. A partir do exame das ocorrências, o que se verifica é que não existe uma divisão precisa entre verbos que acionam seus agentes e verbos que não acionam seus agentes, mas há, na verdade, a formação de um contínuo; e a obrigatoriedade ou facultatividade no acionamento dos agentes, um fato semântico, relaciona-se com o tipo de construção em que esses verbos podem ocorrer, como se vê na Figura 2, a seguir.

---

9 Discutir a questão da alternância causativa dos verbos do tipo *quebrar* está além do objetivo deste trabalho. Para uma discussão teórica a respeito dessa construção vejam-se especialmente Croft (1991) e Levin (1993).



**Figura 2.** Contínuo quanto à presença de agente e à disponibilidade de construções sintáticas

**Fonte:** Elaboração própria

Todos os verbos investigados podem ocorrer na construção transitiva causativa, aquela em que um agente promove a mudança de estado de um tema, vejam-se as ocorrências em (3). No entanto, somente os verbos da família QUEBRAR e o verbo *rasgar* podem apresentar a possibilidade de alternância causativa, sendo instanciados sintaticamente na construção incoativa, aquela em que o sujeito sintático tem o papel semântico de paciente (ou afetado), como mostram as ocorrências em (4).

- (3) a. Cada vez que os manifestantes cortavam a corda, gritavam em coro “traz outra corda”.
- b. Não vamos fatiar a negociação como um salame, diz o embaixador.
- c. Eles rasgaram [a faixa] e colocaram fogo com um isqueiro...
- d. Os rebeldes voltam a assumir a guerra interminável que dilacera o país...
- e. Na rebelião, os internos atearam fogo nos colchões, quebraram as janelas....

f... a detenção não só racha a aliança governista, como também vai influenciar...

- (4) a. A pele literalmente rasga e não há tratamento.  
b. O carro praticamente rachou e o piloto foi retirado desacordado.  
c. O ônibus quebrou às 07h20 no meio da avenida Rebouças...

Note-se que, se o exame desses verbos ficasse restringido a classes gerais de significado (como verbos de ação-processo, ou de mudança de estado), as particularidades de cada verbo e de cada família seriam perdidas. Enfatize-se que as quatro categorias semânticas verbais propostas por Chafe (1970) obviamente não precisam dar conta de captar as especificidades de cada família verbal. Pelo contrário, essas classes semânticas são, em si, esquemáticas (nos termos de Langacker, 1987), por esse motivo elas dão conta de todo e qualquer verbo em toda e qualquer língua (HASPELMATH; HARTMAN, 2015).

Ora, o que se pode ver aqui é exatamente que o significado dos verbos se constrói tanto a partir dos *frames* que esse verbo aciona quanto das construções em que esses verbos podem ocorrer (CROFT, 2003; MICHAELIS, 2015)<sup>10</sup>. Os *frames* semânticos de cada verbo permitem prever o seu potencial sintático, mas não implicam a instanciação construcional desses verbos (MICHAELIS, 2015) – basta considerar, nesse caso, a impossibilidade de alternância causativa para verbos da família CORTAR.

Os parâmetros de agentividade e de volição são especificações do *frame* DINÂMICA DE FORÇAS (CROFT, 2012, 1991; TALMY, 2018). Todos os verbos CORTAR e QUEBRAR evocam diferentes interações de forças, o

---

10 Daí a noção de composicionalidade construcional (DANCYGIER; SWEETSER, 2005; KAY; MICHAELIS, 2012), segundo a qual o significado de uma expressão linguística complexa não deriva diretamente das funções de suas partes componentes (SZABÓ, 2007), mas, sim, da interação funcional e significativa que essas partes estabelecem entre si.

que acaba criando uma escala de agentividade para os participantes em cada cena especificamente (CROFT, 1990). Tome-se o caso do verbo *dilacerar*, da família RASGAR. Dentre as ocorrências analisadas, a maior parte delas vem com mais de um agente instanciado, como se vê nas ocorrências em (5), a seguir. Em (5a), o agente é coletivo, metonimicamente instanciado por “o parlamento”; em (5b) os agentes são instanciados pluralmente; e em (5c), uma construção nominal, os agentes são dois, e são, na verdade, duas forças opostas. Em cada um desses casos, há uma configuração específica de dinâmica de forças, que não é apenas de CONTATO, como pode ser em eventos de QUEBRAR, mas é de manipulação do objeto em si.

- (5) a. O plebiscito pode dilacerar o império.
- b. É necessário reduzir as desigualdades que dilaceram o tecido do país...
- c. Sentia-se dilacerado entre a adoração pela mulher [...] e o desejo sexual por outra...

Além dos parâmetros da agentividade e da volição, que devem ser incorporados à configuração dos significados de CORTAR e QUEBRAR, um outro parâmetro deve ser considerado, o da USABILIDADE DAS PARTES SEPARADAS. Esse parâmetro figura particularmente relevante nos verbos da família CORTAR. Esse parâmetro diz respeito, por exemplo, à especificidade do evento FATIAR, cujo resultado, as FATIAS, geralmente são para consumo ou uso. Esse *frame* serve de domínio fonte para mapeamentos metafóricos, como em *fatiar a reforma agrária*, *fatiar o mercado*, *fatiar os lucros*, como se discute na seção 5.1. De modo semelhante, o verbo *cortar* pode acionar esse *frame*, como em *cortar um pedaço de tecido (para fazer uma roupa)*.

Outro parâmetro relevante para a família de verbos CORTAR, especialmente para o verbo *cortar* (e também *aparar*), é o *frame* de REMOÇÃO, que tanto em usos concretos, como *cortar o cabelo*

(*aparar as pontas*), quanto em usos metafóricos, como *cortar gastos* e *cortar funcionários*, diz respeito à remoção de excessos.

Chega-se, finalmente, à verificação de alguns dos *frames* que são acionados em construções metafóricas.

## **5. Criatividade na verbalização de eventos de CORTAR e QUEBRAR**

### **5.1 Criatividade e mapeamentos metafóricos**

Um dos caminhos mais importantes a percorrer na análise dos multi-*frames* acionados por verbos (e itens lexicais de um modo geral) é a investigação da configuração metafórica das significações. Como aponta Sullivan (2013), mapeamentos metafóricos envolvem o mapeamento dos papéis de um *frame* nos papéis de outro *frame*. Nessa medida, sugerem Bouveret e Sweetser (2011), a escolha de um domínio alvo pode acarretar o mapeamento de diferentes papéis do domínio fonte, do mesmo modo que acarreta diferentes opções sintáticas para a expressão de significados metafóricos do tipo “quebrar um acordo”, “cortar os gastos”, “dilacerar a alma”, etc.

O exame do conjunto de ocorrências deste trabalho revela que usos metafóricos dos verbos CORTAR e QUEBRAR são mais frequentes que os usos não metafóricos (casos concretos), como mostra a Tabela 1, a seguir. Esse mesmo fato se sustenta em línguas como o francês, o inglês e o japonês (vejam-se os trabalhos de Bouveret e Sweetser, 2009, 2011; Fuji *et al.*, 2013).

**Tabela 1.** Distribuição no corpúsculo de ocorrências com usos metafóricos e não metafóricos dos verbos CORTAR, QUEBRAR e rasgar

	CORTAR		QUEBRAR		RASGAR	
	<i>cortar</i>	<i>fatiar</i>	<i>quebrar</i>	<i>rachar</i>	<i>rasgar</i>	<i>dilacerar</i>
Não metafórico	53 29,12%	68 34,7%	53 28,64%	13 11,7%	81 43,55%	35 19,44%
Metafórico	129 70,88%	128 65,3%	132 71,36%	98 88,29%	105 56,45%	145 80,56%
Total	182 100%	196 100%	185 100%	111 100%	186 100%	180 100%

**Fonte:** Elaboração própria

O verbo *quebrar*, especificamente, em contextos metafóricos, pode evocar *frames* como o de FALÊNCIA (06a), de DESTRUIÇÃO (06b), de PERDA DE FUNCIONALIDADE (06c) e de LIBERTAÇÃO DE CATIVEIRO (06d).

- (6) a. As políticas do FMI quebram a indústria têxtil da África do Sul.
- b. Quebrar esse dilema é papel das reformas.
- c. Seu passatempo é desvendar senhas e quebrar proteções eletrônicas...
- d. Ela busca aplauso para seus gestos, quebrando o tédio da paisagem e das coisas...

Um caso interessante com o verbo *cortar* são as ocorrências em que o verbo aciona o *frame* de MOVIMENTO FICTIVO (MATLOCK, 2004; TALMY, 2018), isto é, casos em que o movimento é apenas virtual, como se vê nos exemplos em (07).

- (7) a. Narizinho vai ao ribeirão que corta o sítio de sua avó.

b. O bastante para asfaltar todos os 10 quilômetros de ruas da cidade – que, por sinal, é cortada ao meio pela BR-040.

c. Safáris fotográficos e pecuária convivem em harmonia nessa planície sedimentar cortada pelo rio Paraguai.

Explica Matlock (2004) que enunciados como os que se oferecem em (7) evocam um tipo implícito de movimento. O enunciado em (7a) difere radicalmente dos enunciados em (7b) e (7c) pelo fato de que, nesses dois últimos, o verbo *cortar* aparece em uma construção passiva (7b) e uma construção modificadora (7c). Elaborar uma análise sobre essas diferenças está além do objetivo deste texto, mas deve-se mencionar que ocorrências desse tipo são frequentes no corpus analisado.

Esses são apenas alguns exemplos de *frames* que são acionados por esses verbos em contextos metafóricos. Uma análise, que não se pretende aqui, mas é necessária, é verificar especificamente quais os papéis que são mapeados do domínio fonte para o domínio alvo. O desempacotamento da dinâmica desses mapeamentos é o que permite verificar, afinal, o modo pelo qual os elementos do domínio alvo (metafórico) são conceptualizados pelas mentes (DANCYGIER; SWEETSER, 2014).

## 5.2 Criatividade e re-enquadre de eventos

Geralmente assume-se como expressão de criatividade em linguagem manifestações de construções figurativas, sejam metafóricas ou metonímicas (LANGLOTZ, 2006; BORKENT *et al.*, 2013). Contudo, não é apenas na linguagem figurativa que se verificam aspectos da criatividade da mente humana (FRANCHI, 2006). Uma operação muito comum é também o *reframing* (re-enquadre), por meio da qual um determinado item lexical pode evocar um *frame* diferente daquele que convencionalizadamente evoca dependendo do seu contexto de uso (COULSON, 2001).

Considere-se o contexto culinário, mais especificamente, considere-se o cenário em que um chefe se prepara para fazer uma *mousse* de chocolate. Há uma série de eventos e de ações que devem ser levados a cabo para que a *mousse* fique pronta: separar os ingredientes, misturá-los, etc. Atente-se à codificação linguística de alguns desses eventos: *quebrar* o ovo, *bater* o creme de leite, *ferver* o leite, *rasgar* a barra de chocolate e *picar* a manteiga.

No entanto, *rasgar uma barra de chocolate* e *picar a manteiga* causam certa estranheza. Por quê? Uma barra de chocolate não é algo que normalmente se *rasgue*, mas, sim, que se *quebre*, e a manteiga, de igual modo, não é algo que normalmente se *pique*, mas que se espalhe, que se use para untar uma forma. Certamente há uma certa estranheza no modo como esses eventos estão enquadrados.

Apesar dessa estranheza, a *chef* de confeitaria Raíza Costa, em um de seus vídeos de culinária<sup>11</sup>, não teve qualquer problema em usar os verbos *rasgar* e *picar* com os argumentos barra de chocolate e manteiga, respectivamente. Esse uso, entretanto, é contextualmente motivado: ao pegar uma barra de chocolate, a *chef* é tentada a dizer “quebrar a barra”, mas logo corrige o verbo para “rasgar a barra de chocolate”, depois de manusear o item e quase conseguir dobrá-lo, dada a falta de consistência da barra. A confeitadeira também não teve problema algum com “manteiga picadinha”, porque ela estava lidando com um bloco de manteiga gelada e dura.

Especificamente com a barra de chocolate, objeto com o qual Raíza interage no vídeo, há até mesmo uma rotina motora ligada à percepção das propriedades da barra; ela faz um arco com a barra de chocolate, e é aí que ela se dá conta de que o verbo *quebrar* não se encaixaria nessa verbalização. A solução foi mudar a categoria do evento, preservando, no entanto, o seu enquadre geral de SEPARAÇÃO.

---

11 **Mousse de chocolate com menta**, Raíza Costa, Rainha da Cocada. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Sh9BM2MHvfs&t=359s>. Acesso em: 06 maio 2019.

Ora, a partir do exemplo da “aula de culinária”, o que se percebe é que o significado de itens lexicais, neste caso, o significado de verbos, não é absoluto, genérico e contextualmente isolável (como gostariam que fossem as semânticas de decomposição de evento, Levin e Rappaport-Hovav, 2005); antes, o significado dos verbos emerge em contextos particulares de uso, moldado e definido por *frames* semânticos evocados, os quais se constituem a partir da experiência e da vivência do falante no mundo (BOUVERET; SWEETSER, 2011; COULSON, 2001; CROFT, 2012; GOLDBERG, 2006).

## 6. Considerações finais

Ao longo deste trabalho, foram apresentados parâmetros (adicionais àqueles propostos a partir do estudo do MPI) que configuram e especificam o *frame* SEPARAÇÃO. *Frames*, aqui entendidos como uma porção coerente do conhecimento humano, são acionados e evocados por meio de itens lexicais e de construções gramaticais, que, por sua vez, perfilam<sup>12</sup> um ou outro aspecto do *frame*. A condução do estudo aqui proposto, a partir do exame de ocorrências coletadas em *corp*us, permite chegar à especificidade dos parâmetros e dos *frames* acionados por itens lexicais e construções gramaticais.

A proposta de investigar tanto o significado lexical dos verbos quanto as construções gramaticais nas quais esses verbos se instanciam é um caminho altamente seguro para a identificação do significado das expressões linguísticas. O estudo conduzido pelo MPI teve como foco a semântica lexical dos verbos, o que acarretou a não identificação de parâmetros básicos na configuração de eventos de SEPARAÇÃO, como variação no grau de agentividade e volição, funcionalidade das partes separadas, etc. A identificação desses parâmetros só foi possível a partir de um exame que verificou a composicionalidade construcional desses eventos. De semelhante modo, o exame dos mapeamentos que são estabelecidos entre *frames*, que dão origem a

---

<sup>12</sup> Nos termos de Langacker (1987).

significados metafóricos, trouxe à luz outros *frames* que são acionados por verbos da família CORTAR e QUEBRAR. Não é de estranhar, afinal, que o trabalho com *corp* sugira novos parâmetros e contextos que, por introspecção ou experimentação, não seriam considerados.

As análises, de caráter amostral, apresentadas neste capítulo abrem o caminho para estudos futuros. O primeiro deles é fazer um exame cuidadoso das acepções dos verbos da família cortar e quebrar no *Dicionário de verbos do português* (BORBA, 1990). Há também a necessidade de examinar uma amostragem maior de ocorrências a fim de verificar se há outras construções gramaticais em que ocorrem esses verbos. Esse mesmo exame pode conduzir a um levantamento estatístico dos elementos de *frames* que são mapeados na sintaxe. A análise de um volume razoável dessas ocorrências pode resultar no agrupamento desses verbos, revelando, assim, sua proximidade semântica e construcional (cf. CROFT; POOLE, 2008). Por ora, tudo isso está reservado para o futuro (CONEGLIAN, em prep.).

## | Referências

BOHNEMEYER, J. *et al.* Cut and break clips. *In*: LEVINSON, S.; ENFIELD, N. J. (org.). **Manual for field season 2001**. Nijmegen: Max Planck Institute for Psycholinguistics. 2001. Disponível em: <http://fieldmanuals.mpi.nl/volumes/2001/cut-and-break-clips/>. Acesso em: 06 maio 2019.

BORKENT, M.; DANCYGIER, B.; HINNELL, J. 'Language and the creative mind': new directions in cognitive linguistics. *In*: BORKENT, M.; DANCYGIER, B.; HINNELL, J. (org.). **Language and the creative mind**. Stanford: CSLI, 2013.

---

13 Veja-se MacWhinney (2005) para uma avaliação ponderada a respeito do que efetivamente se obtém a partir de estudos experimentais e de estudos que vão à manifestação real da linguagem (os textos em geral).

BORBA, F. (coord.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Editora Ática. 1990.

BOUVERET, M. Introduction. *In*: BOUVERET, M. (org.). **Lexicalization, grammaticalization and constructionalization of the verb give across languages**. Amsterdam: John Benjamins (no prelo).

BOUVERET, M.; SWEETSER, E. Multi-Frame Semantics, Metaphoric Extensions, and Grammar. **Proceedings of the Thirty-Fifth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society**. 2009.

BOUVERET, M.; SWEETSER, E. **LSA Summer Institute**: Ling 7800-018 lecture slides. Lectures 1-3. University of Colorado-Boulder, summer 2011.

BROWN, C. H. A survey of category types in natural language. *In*: TSOHATZIDIS, S. L. **Meanings and prototypes**: studies in linguistic categorization. Nova Iorque: Routledge, 1990.

CANÇADO, M.; GODOY, L.; AMARAL, L. **Catálogo de verbos do português brasileiro**: classificação verbal segundo a decomposição de predicados. v. 1: verbos de mudança. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

CHAFE, W. **Meaning and the structure of language**. Chicago: The Chicago University Press, 1970.

CHAFE, W. The relation of grammar to thought. *In*: BUTLER, C.; GÓMEZ-GONZÁLES, M. A.; DOVAL-SUÁREZ, S. M. (org.). **The Dynamics of Language Use**: Functional and Contrastive Perspectives. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 2005.

CONEGLIAN, A. V. L. **Categorização de eventos de separação no português brasileiro**: um estudo experimental (no prelo).

CONEGLIAN, A. V. L. **A predicação como um processo de categorização**: um exame dos verbos tipo 'quebrar'. Em preparação.

COULSON, S. **Semantic leaps**: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CROFT, W. Possible verbs and the structure of events. *In*: TSOHATZIDIS, S. L. **Meanings and prototypes**: studies in linguistic categorization. Nova Iorque: Routledge, 1990.

CROFT, W. **Syntactic categories and grammatical relations**: the cognitive organization of information. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

CROFT, W. Lexical rules vs. constructions: a false dichotomy. *In*: CUYCKENS, H.; BERG, T.; DIRVEN, R.; PANTHER, K. **Motivation in language**: Studies in honour of Günter Radden. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

CROFT, W. The origins of grammar in the verbalization of experience. **Cognitive Linguistics**, v. 18, n. 3, p. 339-382, 2007.

CROFT, W. Connecting *frames* and constructions: A case study of eat and feed. **Constructions and Frames**, v. 1, n. 1, p. 7-28, 2009.

CROFT, W. **Verbs**. Oxford: Oxford University Press. 2012.

CROFT, W. *et al.* Argument linking and the commercial transaction frame in English, Russian and Japanese. **Language Sciences**, v. 23, p. 579-602, 2001.

CROFT, W.; POOLE, K. Inferring universals from grammatical variation: multidimensional scaling for typological analysis. **Theoretical Linguistics**, v. 34, p. 1-37, 2008.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Mental spaces in grammar**: conditional constructions. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. **Figurative language**. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

DAVID, O. **A multi-frame analysis of cut and break family verbs in English**. Manuscrito não publicado. 2011.

DELANCEY, S. **Verbal case frames in English and Tibetan**. Manuscrito não publicado. 1995.

FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. **Annals New York Academy of Science**. 1976.

FILLMORE, C. J. Frames and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**, v. VI, n. 2, 1985.

FILLMORE, C. *et al.* Background to FrameNet. **International Journal of Lexicography**, v. 16, n. 3, p. 235-250, 2003.

FILLMORE, C. J.; BAKER, C. F. A *frames* approach to semantic analysis. *In*: HEINE, B.; NARROG, H. (org.). **The Oxford handbook of linguistic analysis**. 2. ed. Oxford: OUP, 2010.

FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo "gramática"?** São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FUJI, S.; RADEZKY, P.; SWEETSER, E. A multi-frame analysis of separation verbs. *In*: BORKENT, M.; DANCYGIER, B.; HINNELL, J. (org.). **Language and the creative mind**. Stanford: CSLI Publications, 2013.

GOLDBERG, A. **Constructions at work**. Oxford: OUP, 2006.

HALE, K. L.; KAYSER, S. J. A view from the middle. **Lexicon Project Working Papers 10**. Cambridge, MA: Center for Cognitive Science, MIT Press, 1987.

HASPELMATH, M.; HARTMANN, I. Comparing verbal valency across languages. *In*: MALCHUKOV, A.; COMRIE, B. **Valency classes in the world's language**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015.

KAY, P.; MICHAELIS, L. Constructional meaning and compositionality. *In*: MAIENBORN, C.; von HEUSINGER, K.; PORTNER, P. (org.). **Semantics: an international handbook of natural language meaning**. v. 3. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 2271-2296.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. What categories reveal about the mind. Chicago: The Chicago University Press, 1987.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites**. V. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LEVIN, B. **English verb classes and alternations: a preliminary investigation**. Chicago: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; RAPPAPORT-HOVAV, M. **Argument realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LEVINSON, S. **Space in language and cognition**. Explorations in cognitive diversity. Cambridge: CUP, 2003.

LEVINSON, S. Preface. *In*: KOPECKA, A.; NARASHIMAN, B. (org.). **Events of putting and taking: a crosslinguistic perspective**. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

MACWHINNEY, B. Can our experiments illuminate reality? *In*: GERSHKOFF-STOWE, L.; RAKISON, D. H. (org.). **Building object categories in developmental time**. London: Lawrence Erlbaum Ass. Pub, 2005.

MAJID, A.; STADEN, M. van; BOSTER, J. S.; BOWERMAN, M. Event categorization: a cross-linguistic perspective. *In: Proceedings of the 26<sup>th</sup> Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, p. 885-890, 2004.

MAJID, A. *et al.* The semantic categories of cutting and breaking events: A crosslinguistic perspective. **Cognitive Linguistics**, v. 18, n. 2, p. 133-152, 2007.

MAJID, A. *et al.* The cross-linguistic categorization of everyday events: A study of cutting and breaking. **Cognition**, v. 109, p. 235-250, 2008.

MATLOCK, T. Fictive motion as cognitive simulation. **Memory & Cognition**, v. 23, p. 1389-1400, 2004.

MERVIS, C.; ROSCH, E. Categorization of natural objects. **Annual Review of Psychology**, v. 32, p. 89-115, 1981.

MICHAELIS, L. Constructions license verb *frames*. *In: RUDANKO, J.; HAVU, M.; RICKMAN, P. (org.). Perspectives on complementation*. Londres: Pelgrave/MacMillan, 2015.

MICHAELIS, L. Constructions license verb *frames*. *In: HAVU, J.; HÖGLUND, M.; RICKMAN, P. (org.). Perspectives on complementation*. Londres: Pelgrave, 2013.

NARASHIMAN, B.; KOPECKA, A.; BOWERMAN, M.; GULLBERG, M.; MAJID, A. Putting and taking events: a crosslinguistic perspective. *In: KOPECKA, A.; NARASHIMAN, B. (org.). Events of putting and taking: a crosslinguistic perspective*. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

SULLIVAN, K. **Frames and constructions in metaphoric language**. Amsterdam: John Benjamins, 2013.

SZABÓ, Z. Compositionality. *In*: ZALTA, E. **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. 2007. Disponível em: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2007/entries/compositionality>. Acesso em: 06 maio 2019.

TALMY, L. **Ten lectures in cognitive semantics**. London: Brill, 2018.

WHORF, B. L. **Language, thought and reality**. Cambridge: The MIT Press, 1956.